

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

WALKIRIA SAYURI SCHUETZ OHKUBO

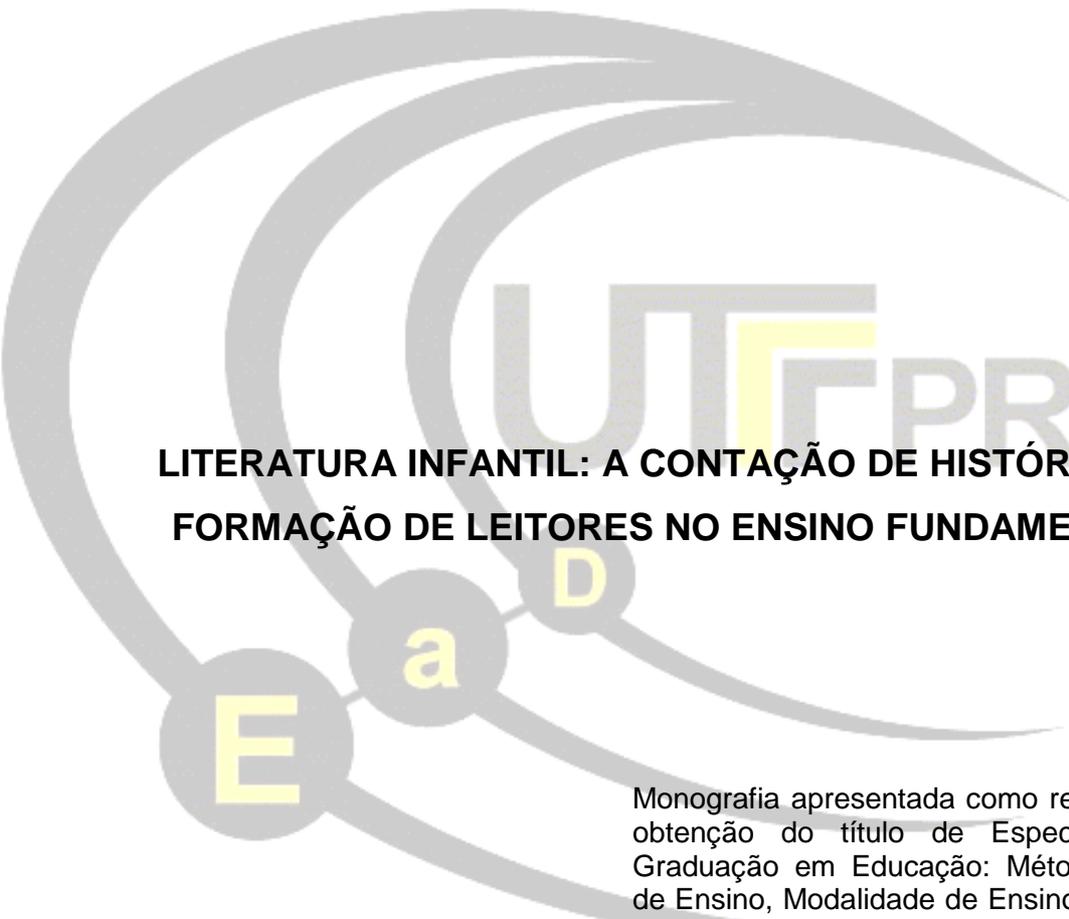
**LITERATURA INFANTIL: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

WALKIRIA SAYURI SCHUETZ OHKUBO



**LITERATURA INFANTIL: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA
FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA Orientadora: M.Sc. Janete Santa Maria Ribeiro

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

Literatura infantil: a contação de histórias na formação de leitores no Ensino Fundamental.

Por

Walkiria Sayuri Schuetz Ohkubo.

Esta monografia foi apresentada às 20h do dia 04 **de abril de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a. M.Sc. Janete Santa Maria Ribeiro
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr. João Enzio Gomes.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Dr. Maria Fatima Menegazzo Nicodem.
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, a minha mãe que sempre me apoiou nos estudos e a professora e orientadora Janete Santa Maria Ribeiro que me incentivou e ajudou na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos e estar concluindo mais uma das importantes etapas da minha vida, me iluminando nessa caminhada de formação, como construção de conhecimento e aprendizagem de vida.

À minha mãe, que é a principal pessoa em minha vida, que me educou da melhor maneira, me tornando a pessoa que sou hoje, que abdicou de sua vida para cuidar de mim e minha irmã Michieli, agradeço-a pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

À minha orientadora professora *M.Sc. Janete Santa Maria Ribeiro*, que me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade e pela presteza com que me ajudou.

Agradeço aos pesquisadores e professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação, em especial a Neuza Maria Barbosa de Oliveira Antunes, que sempre atendeu com atenção as minhas ansiedades.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição, para que descubram os encantos da literatura como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.”

(ELIZABETH BALDI)

RESUMO

OHKUBO, Walkiria Sayuri Schuetz Ohkubo. Literatura Infantil: a contação de histórias na formação de leitores no Ensino Fundamental. 2013. 45f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática a literatura infantil e a arte de contar histórias no âmbito escolar, para a formação do indivíduo como leitor assíduo e crítico em nossa sociedade. Tendo em vista que ao longo da vida o que mais se utiliza é a leitura, no entanto, devido às grandes transformações tecnológicas, os livros foram deixados de lado e conseqüentemente o hábito de ler também. Portanto, devido à necessidade que se tem em formar cidadãos leitores críticos e criativos, a pesquisa busca averiguar se realmente a escola pode contribuir e incentivar na formação do leitor e despertar o prazer e o gosto pela leitura através da literatura e da contação de histórias.

Palavras-chave: Leitura. Formação do leitor. Literatura. Histórias.

ABSTRACT

OHKUBO, Walkiria Sayuri Schuetz Ohkubo. Children's Literature: The storytelling in educating readers in elementary school. 2013. 45f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as thematic children's literature and storytelling in schools, for the formation of the individual as an avid reader and critic in our society. Given that lifelong use what else in reading, however, because of major technological changes, the books were put aside and consequently the habit of reading too. Therefore, research seeks to determine whether the school can really contribute and encourage the formation and arouse the reader's pleasure and love of reading through literature and storytelling.

Keywords: Reading. Formation of the reader. Literature. Stories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 LITERATURA INFANTIL: ORIGEM	11
2.2 LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA	13
2.3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR	15
2.4 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS	16
2.4.1 Ler Histórias: Contribuições.....	16
2.4.2 A Importância de Contar Histórias e Como Contá-las.....	18
2.5 LEITURA	20
2.5.1 Importância da Leitura	20
2.6 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	22
2.6.1 O Papel do Professor.....	22
2.6.2 O Papel da Escola, a importância da biblioteca.....	26
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	29
3.1 LOCAL DA PESQUISA	29
3.2 TIPO DE PESQUISA	30
3.3 COLETA DOS DADOS	30
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	44

1 INTRODUÇÃO

O ato de ouvir e contar histórias está, presentes em nossas vidas desde que nascemos. Aprendemos por meio das experiências concretas das quais participamos, mas também por meio daquelas experiências das quais tomamos conhecimento através do que os outros contam.

Para formar crianças que gostem de ler e que tenham sensação de prazer com a leitura, precisa proporcionar a ela desde muito cedo um contato frequente e agradável com o livro e com o ato de ouvir e contar histórias.

A literatura infantil começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias.

A arte de contar história é muito mais que ler uma história, é preciso que o contador tenha clareza do que cada situação oferece ao ouvinte e a quem conta diferentes experiências de aprendizagem.

Ao contar uma história, estão em jogo aspectos vinculados às marcas da oralidade: trejeitos, gestos, entonação que nos permitem uma audição só possível estando presente. O contador de histórias usa a expressão corporal, a voz, os recursos disponíveis para envolver aqueles que o ouvem. O contador assume uma fala que não é sua, mas a forma com que se busca contar a história é que é o diferencial.

Este tema analisa a importância e eficácia da literatura infantil dentro e fora da sala de aula, e a necessidade de trabalhar a literatura desde as séries iniciais e assim, compartilhar as experiências trazidas pela literatura, mostrando a importância das histórias, a formação do leitor e como se faz a seleção de textos e bons livros infantis.

A arte de contar histórias permite o contato com a fantasia, libera a imaginação, facilitando seu exercício e enriquecendo nosso mundo interior. Além de desenvolver o hábito de ouvir, de conversar e o prazer de ler, para buscar sempre as mesmas e novas histórias, acumulando assim, conhecimentos preciosos.

Ler histórias na infância deve se transformar em atividade rotineira, pois o escutar história desenvolve naturalmente um interesse cada vez maior em aprender.

Atualmente o que mais vemos são livros serem deixados de lado pelas crianças, das quais, busca na sua maior parte do tempo, o uso das tecnologias como vídeo-game, celulares, computadores, e assim acabam tendo dificuldades de leitura, interpretação e o mais importante: não se formando um cidadão leitor e crítico em nossa sociedade.

O gosto pela leitura é despertado no ser humano desde sua infância, por isso a importância em pesquisar sobre a literatura e arte de contar histórias. É por meio deste mecanismo que conseguimos despertar nas crianças, a imaginação, a criatividade, podendo torná-los agentes de transformação na sociedade.

O presente estudo teve como objetivo geral, pesquisar a importância da literatura infantil e a arte de contar histórias para a formação de leitores em nossa sociedade, com alunos dos primeiros anos do ensino fundamental. E como objetivos específicos: pesquisar a história da literatura infantil; verificar a importância da mesma e identificar quais são os aspectos positivos da literatura, na formação da criança como futuros leitores ativos.

Nessa perspectiva, posterior aos meses de pesquisa, pôde-se explicar os resultados obtidos por meio de pesquisa bibliográfica das ideias de vários autores sobre o tema relacionado e confrontaram-se as diferentes opiniões utilizadas na técnica de entrevista com professores das séries iniciais do ensino fundamental, que averiguou se fazem o incentivo ao hábito da leitura, de que forma ela é feita, e comparou com as opiniões dos autores. .

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LITERATURA INFANTIL: ORIGEM.

‘Segundo Góes (1991), a literatura infantil surge a partir do século XVIII, com a ascensão da ideologia burguesa, pois na antiga sociedade não havia a ideia de infância, não havia distinção entre a criança e o mundo adulto. Este aspecto também é comentado pela autora Zilberman (2003, p.15) que relata não existir a ideia de infância, porém, que uma criança tem necessidades diferenciadas dos adultos, portanto, não havia livros de literatura voltados para cada faixa etária.

Diante disso, Antunes Cunha (1999) destaca que a criança passa a ser considerado um ser diferente do adulto, tendo características próprias, necessidades de receber uma educação especial, distante da vida dos mais velhos. Assim Zilberman (2003, p. 15) reforça que no final do século XVII e início do século XVIII, é o momento que começam a serem produzidos os livros para crianças com a necessidade de se ter uma nova visão de infância.

Além disso, Zilberman (2003), ressalta que antes não havia uma visão de família, de afeto, todos compartilhavam dos mesmos eventos, independente da idade, com a valorização da infância, a família passa a ser mais unida, tendo laços mais fortes e amáveis com as crianças, a família passa a organizar-se em mercê da criança, com a obrigação de forma-lá um adulto saudável e maduro, antigamente a mãe lutava desesperada acima do bem estar da criança, agora a criança, o amor maternal está acima de qualquer coisa.

O que se percebe, com essa mudança o adulto fortalece o seu desejo de superioridade, tendo o poder sobre a criança, que exerce uma função inútil do ponto de vista econômico, sendo somente um consumidor, ou seja, passa a ser um ser mais frágil e dependente. (ZILBERMAN, 2003)

As crianças sempre acompanhavam a vida dos adultos, diante disso, Cunha (1999), elas participavam da sua literatura. As crianças da nobreza, liam os grandes clássicos, enquanto as pobres liam e ouviam histórias de cavalaria, de aventuras.

No caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observaram-se duas tendências próximas daquelas que já informavam a leitura dos pequenos: dos clássicos, fizeram-se adaptações; do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas – até então quase nunca voltados especificamente para a criança. (CUNHA, 1999, p. 23).

Gregorin Filho (2009) aponta que atualmente se tem outra visão de infância, que é construída pela sociedade, pois há uma série de discussões que levam a escolher os textos necessários, adequados para cada faixa etária. Na realidade as crianças continuam lendo até hoje, a literatura voltada ao adulto também, com os mesmos valores, as mesmas questões sociais, porém de forma e estrutura diferentes de antes. Com todas as inovações tecnológicas, a literatura passa a ser mais criativa.

O autor Gregorin Filho (2009) argumenta que as crianças:

... continuam lendo as mesmas coisas que os adultos, como acontecia anteriormente ao surgimento da pedagogia e à criação do universo infantil, só que agora os temas surgem numa roupa confeccionada através da história, roupa essa que às vezes nos ilude e mascara os valores criados pela sociedade, valores que são a própria construção histórica dos homens. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 21)

A literatura infantil brasileira tem início com as obras pedagógicas, com adaptações de obras portuguesas. A verdadeira literatura infantil brasileira inicia com as obras de Monteiro Lobato, criando uma literatura centralizada com a preocupação de questões nacionais, assim como problemas mundiais, utilizando e aproveitando o dialeto brasileiro. Foi um grande adaptador dos contos de fadas e das obras de Peter Pan e Pinóquio. (CUNHA, 1999)

Para Gregorin Filho (2009) a literatura infantil é uma prática de leitura nacionalista, com modelos de uma cultura imitada, que cultiva valores como o individualismo, o racismo, esse modelo mudo no final do século XIX com o surgimento de Monteiro Lobato que trás consigo inovações na literatura infantil, dando voz à criança através de uma boneca de pano, fazendo com que entendam o destino de uma sociedade, desenvolver a criança, diferentes modos de ver o mundo, a diversidade de valores, culturas, crenças, transformações do mundo, lutas contra o preconceito, e de trazer nessas páginas dos livros os sentimentos das crianças.

2.2 LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA.

Para a autora Zilberman, a escola tem atuação preponderante na formação da criança:

Como assume um duplo papel – o de introduzir a criança na vida adulta, mas, ao mesmo tempo, o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior –, ela se identifica com as contradições antes expostas, refletindo-as de modo visível. Em primeiro lugar, acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, ao retirar o aluno da família e da coletividade, encerrando-o numa sala de aula em que tudo contraria a experiência que até então tivera. Em vez de uma hierarquia social, vive uma comunidade em que todos são iguais na impotência: perante a autoridade do mestre e, mais adiante, da própria instituição educacional, todos estão despojados de qualquer poder. Em vez de um convívio social múltiplo, com pessoas de variada procedência, reúne um grupo homogêneo porque compartilha a mesma idade; e impede que se organize uma vida comunitária, já que todos são obrigados a ficar de costas uns para os outros, de frente apenas para um alvo investido de autoridade – o professor. (ZILBERMAN, 2003, p. 21)

A autora Zilberman (2003, p. 22) menciona que as relações existentes na escola com a vida são totalmente incoerentes, pois a escola emite o social para transformar-se num dos melhores veículos da educação burguesa, ou seja, são impregnados nas crianças normas e valores das classes dominantes.

A literatura infantil é transmitida conforme a visão de mundo que o adulto tem como relata Bernardi (1999) a literatura é a realidade em que o autor vive naquele momento, é tudo que se quer transmitir e expressar, Zilberman (2003, p.23) complementa, que os pequenos têm o mínimo de liberdade, muito menos de se manifestar-se, a escola simplesmente controla, domina o educando para as regras vigentes, ou seja, das classes dominantes, sendo assim, a literatura infantil nada mais é a visão do mundo adulto, que, no entanto não há interesse por parte dos jovens. Nesta medida a escola literária:

... pode reproduzir o mundo adulto: seja pela atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja através da veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma linguística ainda não atingida por seu leitor, devido sua falta de experiência mais complexa na manipulação com a linguagem. Assim, os fatores estruturais de um texto de ficção – narrador, visão de mundo, linguagem- podem se converter no meio por intermédio do qual o adulto intervém na realidade imaginária, usando-a para incutir sua ideologia. (ZILBERMAN, 2003, p. 23)

Contudo, Saraiva (2001) relata que a escola é responsável em alfabetizar e aperfeiçoar a leitura do educando com a finalidade de que ela não se esgote, portanto, o leitor efetivo faz com que a leitura integre-se a sua vida como necessidade imperiosa, e não ser apenas uma atividade ocasional, cabendo a escola possibilitar a convivência com a tradição literária, esperando-se a formação do leitor.

Entretanto, a análise da situação em que se encontra a leitura comprova a ineficácia da escola, pois o aluno manifesta seu desinteresse por essa atividade, evidenciando a distância que se estabelece entre a ação pedagógica e o alcance do comportamento desejado. O pretense leitor assume o papel de decodificador e de eventual interprete, sem almejar o desenvolvimento de atitudes crítico-reflexivo, e limita suas experiências com textos literários às exigidas pela escola, enquanto se restringe, na vida cotidiana, à leitura de jornais e revistas. (SARAIVA, 2001, p. 23)

Assim sendo, Zilberman (2003, p. 24), menciona que a escola e a literatura podem alegar, atestar que tem suas vantagens a partir do momento que darem ao educando, a criança, um espaço para que ela possa pensar sobre suas necessidades pessoais, fazer com que elas reflitam sobre si, pois até o momento só provar o poder elevado e dominante do adulto sobre a criança.

Ao referir-se a tal assunto, Baldi (2010), considera que a literatura na escola tem que ter critérios bem definidos, tendo que deixar de lado as formas tradicionais de exploração, e instituir um momento de leitura diária. A escola tem que realizar um trabalho persistente buscar dentro e fora da escola, estudando, planejando e pesquisando diferentes propostas educacionais, que possam colaborar com o cotidiano escolar, onde futuramente os estudantes colherão seus frutos, pois a leitura é essencial ao longo de toda a vida.

Em vista disto, a autora sustenta que a escola tem que prezar a qualidade. Portanto, é de suma importância a biblioteca com acervo diversificado, e ser abastecido sempre com boas novidades que surgem. Atividades isoladas, projetos que englobam vários textos e temáticas não desenvolve o interesse e o hábito da leitura, para isso é necessário:

... trabalhar sistematizados e constantes, que se sustentem no tempo de escolaridade dos alunos, ampliando seu repertório e permitindo que se aprofundem e avancem. Alunos que, lêem, interagem e curtem histórias sempre, todos os dias, desde que entram na escola, apresentam grande vantagem em relação aos que não fazem isso, ou fazem pouco. E não só em termos de leitura propriamente dita, mas em todos os aspectos e objetivos da escolaridade. (BALDI, 2010, p.10)

2.3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR.

A literatura infantil permite segundo Zilberman (2003) ajudar o aluno no seu conhecimento, contribui a si conhecer melhor, independente o quão fantasiosa será a história, ela permite que o leitor entre em contato com situações vividas em seu cotidiano. Isso vem ao encontro do autor Saraiva (2001) que concluiu que a literatura dá oportunidade de o leitor conhecer melhor a si e ao mundo que o cerca, pois a literatura tem função formadora, devido sua linguagem literária, leva o leitor a desenvolver um posicionamento crítico, além de ampliar a sua capacidade literária.

Como faz notar Gregorin Filho (2009) relata que a literatura infantil aborda nos livros valores humanos, construídos ao longo da vida, desde antiguidade, os temas infantis são somente para mergulhar e entrar no universo da criança, utilizando o uso das imagens para encantá-las.

Diante disto, a autora coloca:

... o texto literário extrai dos processos histórico-político-sociais uma visão da existência humana que transcende o tempo de sua concepção e instiga o leitor sob forma de perguntas que o levam a analisar seu próprio tempo. Como resultado da interação receptiva e criadora do autor diante da práxis literária e diante do mundo, o texto exige, pois para instituir-se, a recuperação ativa e criadora do leitor, ela transmite dos princípios constitutivos próprios do texto para o contexto extraliterário; do mundo da significação textual, para o sentido do mundo. (SARAIVA, 2001, p. 27)

Para Allende (2005), as crianças que leem a literatura enriquecem, aprimoram e transformam os seus conhecimentos em outros conhecimentos, possibilitando o desenvolvimento da linguagem na interação com autores, crianças e adultos. A leitura enriquece o vocabulário, faz com que o educando tenha compreensão do mundo, percebendo melhor a realidade. A literatura ativa a imaginação, a criatividade, aperfeiçoa as emoções e a afetividade. (p. 181)

Para Gregorin Filho (2009) através da literatura infantil as crianças conseguem observar e sentir problemas parecidos e iguais aos dela, fazendo com que cada um sinta de maneiras diferentes os seus conflitos encontrados através do diálogo. Antes a literatura era elaborada para uma criança vista como adulto em miniatura, agora a criança é vista como um ser em transformação, assim, a literatura mostra um mundo em construção.

Textos narrativos e poéticos mexem com a emoção e a afetividade do leitor, pois estão cheias de conteúdos humanos, levando-o a sentir suas emoções e enriquecem a sua afetividade, o autor ainda destaca que:

A literatura desempenha um papel crítico em nossas vidas. A literatura ajuda a nos compreender os demais; proporciona diferentes perspectivas para examinar nossos pensamentos, sentimentos, crenças, preconceitos e ações; ensina que há múltiplas possibilidades, muitas verdades e nenhuma resolução definitiva. (ALLIENDE, 2005, p. 182)

A autora Zilberman (2003) salienta que a literatura infantil pode levantar diferentes visões, onde dependerá da leitura e do momento vivida por cada leitor, cada criança vive um momento diferente, quando lê um livro, uma história, ele ativa a sua imaginação, e cria situações vividas por ele. Para Gregorin Filho (2009) é através da literatura que podemos abordar com as crianças valores emocionais, afetivos, intelectuais, ou seja, questões necessárias em nossa sociedade, para que cada indivíduo respeite a necessidade individual de cada um.

Baldi (2010) destaca que é necessário trabalhar a literatura, para desenvolver nos educandos o gosto e o prazer pela leitura, fazer com que descubram os encantos da literatura como forma de arte, com necessidade de alimentar as imaginações, fazer com que conheçam melhor o mundo e a si mesmos, tornando seres mais críticos, criativos e sensíveis.

Zilberman (2003) a literatura infantil preenche na criança o vazio em compreender o mundo real, através da história a criança compreende e assimila as relações existentes na sociedade, e a linguagem, “que é o mediador entre a criança e o mundo.” (p. 45)

2.4 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.

2.4.1 Ler Histórias: Contribuições

Para a autora Coelho(2000), a história prende a atenção, socializa, informa, além de aquietar e deixar as pessoas mais serenas, desde que o narrador tenha compromisso com a história, enquanto fonte de satisfação e necessidades básicas

das crianças. A criança que escuta histórias desde pequena, provavelmente no futuro irá à busca de novos livros ou até mesmo aqueles que lhes foram contados na infância.

A história é um alimento para a imaginação, a história:

...permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida, Descobrir isso é praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida. (COELHO, 2000, p. 12)

A autora Abramovich (1997) enfatiza que para ler uma história para a criança, o leitor já deve ter conhecimento do livro, já ter lido antes e se familiarizado com ele para não empacar ao pronunciar o nome de algo que apareça ir dando pausas nos lugares errados, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar porque não esperava encontrar um palavrão, por isso, é necessário ler o livro antes, sentir como nos pega, nos emociona, nos irrita, e chegar no final e conseguir passar para o ouvinte a emoção verdadeira.

Ler histórias sem textos e apenas com imagens possibilita e amplia a criatividade da criança, fazendo com que crie uma história através das figuras, trazendo a elas experiências no olhar, olhar múltiplos, pois cada pessoa enxerga o mundo e as personagens de modo diferente, ou seja, conforme esta pessoa percebe o mundo.

... ensinar a pensar, a gostar de ler, a extrair da leitura exemplos significativos é mais ou menos como buscar-se uma modelagem dos músculos em uma sala de ginástica. O sucesso depende do esforço, da persistência e da certeza de que os resultados surgirão depois que as sementes se fizerem árvores. (ANTUNES, 2009, p. 40.)

Para Gregorin Filho (2009) a leitura é um processo afetivo que ocorre entre o leitor e sua leitura, a criança já possui essa afetividade com as histórias narradas, onde muitas se identificam com algum personagem e acabam pedindo sempre para recontarem a mesma história. (p. 52)

Aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e torna-se agente de modificações na sociedade em que vive. (GREGORIN FILHO, 2009, p. 51)

Baldi (2010) considera necessária a leitura de um livro em sua íntegra, explorando com a criança os sentidos, as impressões que lhes causam as

necessidades que ele impõe, muitas vezes para facilitar a compreensão da criança, utiliza a contação de forma muito simplificada, empobrecendo o texto, por utilizar a linguagem falada. Portanto, Antunes (2009) complementa que os hábitos e o gosto pela leitura acontece quando o ser humano é incitado, provocado a busca de encanto, fascinação. (p. 49)

Antunes (2009) argumenta a importância da re-leitura não como forma de punição, porém na busca de novos saberes, novos conhecimentos, além de ativar a memória em longo prazo. Para as crianças, podem-se questionar várias perguntas em que ele terá que voltar ao primeiro capítulo, exemplo disso: “a palavra picolé aparece no texto? Por quê? Quem a pronunciou?” (p. 32). Inicialmente as perguntas são feitas para que os alunos busquem o conhecimento, realizem os desafios, independente do acerto ou não, e sim a memorização da obra.

Para Gregorin Filho (2009) a leitura é totalmente ligada a nossa memória, pois sempre se relaciona a algum fato ou alguma experiência já vivida. A leitura é uma atividade ampla, podemos ler um livro, como um texto visual, um teatro ou até mesmo as pessoas.

2.4.2 A Importância de Contar Histórias e Como Contá-las

O sucesso para o narrador desempenhar sua narrativa está na realização de um roteiro a ser seguido, pois através deste dará a ele mais segurança e naturalidade, fundindo a teoria à prática, e acima de tudo dar prazer à criança e contribuir para o seu desenvolvimento. (Coelho, 2000)

O narrador/contador de história tem que por em prática a adaptação verbal, facilitando a compreensão do ouvinte, tornando este momento mais dinâmico e comunicativo, não esquecendo a faixa etária que está sendo contada e suas condições socioeconômicas.

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos. Se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso. Primeiro, é preciso gostar dela, compreende-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte. (COELHO, 2000, p. 14)

Antes de se contar uma história, tem que se ter ciência se essa tem um assunto interessante, se demonstrará riqueza de imaginação e se está agradará às crianças, a linguagem deve ser simples, os recursos onomatopaicos dão mais força as expressões contribuindo para que se torne cada vez mais interessante.

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreias e prejuízos da saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial. (COELHO, 2000, p. 15)

Abramovich (1997) reforça que a história pode ser contada a qualquer momento e em qualquer lugar, ler para uma criança é poder rir, dar risadas, é ser cúmplice de um momento de humor, de descontração, de brincadeira, é suscitar o imaginário, é descobrir novas possibilidades de solucionar determinados problemas através das resoluções resolvidos, enfrentados por cada personagem de uma história. (p. 17)

Irritação, tristeza, raiva, medo, bem-estar, alegria, tranquilidade, pavor, insegurança é uma das emoções relevantes, fundamentais que se pode sentir ao escutar uma história, além de descobrir, encontrar outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, é ficar sabendo história, geografia, filosofia sem precisar saber o nome disso e muito menos achar que tem cara de aula. (Abramovich, 1997, p. 17)

Contar história é uma arte, é o uso musical, sonoro da voz, pois o contador utiliza somente o uso da sua voz, por isso não deve ser feita de qualquer maneira, pois nela podem-se aprender novas palavras, entra em contato com a música, aprendendo o ritmo utilizado na contação, narração da história. O narrador tem que despertar admiração, transmitir confiança, que tem seu texto memorizado e permite-se fazer variações sobre o tema, pois quando o contador não sabe o seu texto completo, ele pode gaguejar, perder o fôlego, e assim, pode causar um desinteresse por parte dos ouvintes. (p. 18)

É importante que o contador de história crie todo um clima atraente, charmoso, encantador, que a cada pedacinho contado por ele, faça com que a criança sinta suas emoções, que ela faça parte da história ouvida, dando oportunidade de projetar, fantasiar o cenário do que ela está ouvindo, “criar seus

próprios dragões, adentrar pela casar, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais...” (Abramovich, 1997, p. 21)

É fundamental usar as diferentes maneiras, probabilidades e agilidades que a voz permite, sussurrar quando for pra falar baixinho, gritar quando estiver acontecendo alguma confusão, bagunça ou desordem, usar humoradamente as onomatopéias, ruídos, os espantos, valorizar os momentos de conflitos, dando tempo, para o ouvinte vivencie e tome a sua posição. (Abramovich, 1997, p.21)

2.5 LEITURA

2.5.1 Importância da Leitura.

É importante reconhecer que segundo Cagliari (1998) a alfabetização é nada mais, nada menos que leitura, é ensinar o aluno a ler, a decifrar aquilo que está escrito, em que a escola torna como principal objetivo o uso da leitura em busca de informação e conhecimento. Gregorin Filho (2009) relata que os livros de literatura expressa à leitura da qual a sociedade faz do mundo. (p. 44)

Não basta decifrar somente os códigos escritos na leitura, tem que ter conhecimento pleno da língua para que haja compreensão. Assim o autor sustenta que:

O correto é uma leitura na qual o leitor decifra o que está escrito, se apropria das ideias que descobriu no texto, elabora todos esses conhecimentos como se fossem seus e, segundo a lei da fidelidade ao literal do texto, passa a dizer o que leu, numa fala que traduz o texto e revela seu modo de interpretá-lo. (CAGLIARI, 1998, p. 314)

Zilberman (2003) também reforça em seu livro: A literatura infantil na escola, que:

... não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente, se está a seu alcance a concretização e expansão da alfabetização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, pelo estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio a trama ficcional. (ZILBERMAN, 2003, p. 29)

Cagliari (1998) afirma em seu livro *Alfabetizando sem o bá- bé – bi- bó- bu*, p. 315, que a leitura varia de pessoa para pessoa, que a velocidade tem que ser a velocidade da própria fala de cada falante, pois fazer com que leia mais rápido ou mais devagar com que se fale, faz com que possam surgir dificuldades de compreensão.

É essencial que na leitura do texto o pequeno leitor jamais se sinta assistindo a uma peça, mas que a viva em toda sua intensidade. O excelente mediador é todo aquele que transforma o leitor em personagem vivo e atuante dos temas que descobre. (ANTUNES, 2009, p. 21)

A leitura e suas trocas de experiências não fazem mais parte dos encontros familiares, assim como o ludismo dos jogos poéticos, pois estes cederam lugar aos jogos eletrônicos e aos programas televisivos, empobrecendo o indivíduo da sua capacidade de diálogo e estimulando o individualismo. Outro fator que a autora Saraiva (2001) apronta, são as condições socioeconômicas da população brasileira, devido as suas necessidades de sobrevivência os pais chegam a fazer dupla jornada de trabalho, muitas vezes impede o acesso de alunos à escola ou obriga a abandonar antes de ter se tornado um leitor efetivo.

... a leitura também é um alimento para a imaginação, porque também é um brinquedo: também dá prazer, mas vai além, pois preenche necessidades da criança e provoca mudanças nas motivações e tendências; é capaz, como o brinquedo, de oportunizar a satisfação de desejos "irrealizáveis", mesmo que numa dimensão ilusória e imaginária. (BALDI, 2010, p.9)

O ato de ler não é uma tarefa simples, e sim uma atividade complexa que envolve problemas culturais, filosóficos, ideológicos e até fonéticos. Cagliari (1997, p. 148) em seu livro *Alfabetização & Linguística*, reforça que:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor.

Para Cagliari (1997) tudo que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura, e é dever da escola desenvolver o hábito e o gosto, e que todos tem que entender que a leitura não é uma obrigação somente do professor de português e sim de toda a equipe, exemplo é a matemática, não que o aluno não saiba fazer as

quatro operações matemáticas, mas que ele tem dificuldade em compreender os problemas, portanto é necessário ensinar a ele o português que a matemática usa.

... ler é um processo de descobertas, como a busca do saber científico. Outras vezes requer um trabalho paciente, perseverante, desafiador, semelhante à pesquisa laboratorial. A leitura também pode ser superficial, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica, como um jogo de bola em que os participantes jamais se preocupam com a lei da gravidade, a cinética e a balística, mas nem por isso deixam de jogar bola com gosto e perfeição. (CAGLIARI, 1997, p. 149)

A leitura é uma atividade individual, pois dificilmente duas pessoas fazem a mesma leitura de um texto, é uma atividade de reflexão, interiorização, de assimilação do conhecimento.

Como o ato de sonhar, a leitura desempenha a prodigiosa tarefa de nos transportar para outros mundos. Todavia, ler não é sonhar, porque os livros, ao contrário dos sonhos, estão sujeitos à nossa vontade: eles envolvem-nos em realidades alternativas apenas porque lhe damos permissão explícita para fazê-lo. Os livros são como os sonhos que mais gostaríamos de ter e, como sonhos, eles têm o poder de alterar a consciência; transformar tristeza em gargalhadas e a introspecção ansiosa em contemplação relaxada de algum outro tempo e de algum outro lugar. (CRAMER, 2001, p. 54 e 55)

Antunes (2009) enfatiza a importância de o aluno vivenciar a leitura, fazer relações dos personagens com pessoas que conhece, trazer os seus pensamentos relacionando ao mundo real que vive e complementa que:

2.6 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO LEITOR,

2.6.1 O Papel do Professor.

Gregorin Filho (2009) argumenta que o professor tem um importante papel em nossa sociedade, pois é um agente transformador, portanto, para escolher uma leitura para seus educando voltado a “instrumento não condizentes com os valores de liberdade de pensamento e tolerância às diferenças”. (p. 72)

Para Ramos (1993), o professor é o principal mediador entre os textos, a leitura e a criança. A criança tem capacidade de ler antes da alfabetização, através de sinais, gestos, desenhos. É necessário que o professor use a experiência de vida

que os alunos trazem consigo, ajudando-os a obter uma relação afetiva entre eles e o livro. Livros sem escritas e somente com imagem trabalha grandiosamente a imaginação da criança, através da figura a criança cria a sua própria história, que está ligada diretamente a sua vida, seus sentimentos, suas emoções.

Para Zilberman (2003), tanto a literatura quanto a escola, tem um aspecto em comum que é a natureza formativa, ou seja, a formação do indivíduo ao qual se dirigem.

A leitura está relacionada com o sucesso, não apenas acadêmico, mas também social e econômico, pois se lhe atribui a capacidade de promover os indivíduos. É reconhecida, igualmente, a importância da arte literária por ser capaz de situar o indivíduo diante de si mesmo e de seu contexto; por possibilitar-lhe a percepção de variados pontos de vista e por estimular sua criatividade. Entretanto, a ruptura entre essas manifestações consensuais e a prática dos agentes que respondem, juntamente com a escola, pela valorização da literatura permite identificar fatores alheios à prática pedagógica, que, todavia interferem de modo negativo na formação do leitor. (SARAIVA, 2001, p. 24)

Cagliari (1997) aponta que a escola que não dá oportunidades aos seus alunos ler, e que também não lê muito para eles, não sabe aproveitar o que tem de melhor para oferecer aos seus alunos, e perante este fato está no caminho do insucesso. “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é a herança maior do que qualquer diploma.” (CAGLIARI, 1997, p. 148)

Perante isso o autor ainda complementa que a leitura é um alimento da alma e completa:

As pessoas que não lêem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento. É claro que a experiência da vida não se reduz à leitura. A vida como tal é a grande mestra. Algumas pessoas analfabetas conseguem, às vezes, se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de ser pessoas vazias. Têm riqueza externa, sabem se virar na sociedade, mas são pobres culturalmente, porque só a experiência da vida, por mais rica que possa ser, não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral. (CAGLIARI, 1997, p. 150)

Baldi (2010) aponta que é necessário que o professor diversifique a todo o momento, propondo desafios, variar as situações, os textos, o trabalho, pode realizar em grupo, duplas, individualmente ou coletivo, sempre dar sequência e um fechamento ao que foi iniciado. É preciso diariamente que volte às mesmas práticas, de modo que cada vez essa volta seja mais enriquecida, portanto, fazer com que o aluno progrida e que obtenha avanços progressivos.

A intervenção da professora para orientar, direcionar, focalizar, ampliar, questionar, enriquecer o olhar e a interpretação dos alunos em relação ao texto que está sendo trabalhado, auxiliando-os a verem outros aspectos de que não haviam se dado conta, a levarem em consideração as ideias de outros, diferentes da sua, a estabelecerem relações com outros textos, com sua realidade e com diferentes conhecimentos. (BALDI, 2010, p.14)

Antunes (2009) acredita que o mediador no caso o professor é quem procura facilitar, ajudar o seu aluno a contextualizar uma leitura, um texto, através de indagações, questionamentos, é muitas vezes essa construção se realiza quando a leitura contempla o cotidiano em que vive, portanto, acontece a contextualização, quando faz a junção das ideias que possui com as ideias novas.

Já Cagliari (1998) relata a importância do professor alfabetizador trabalhar a leitura em voz alta e a silenciosa, pois em nossa cultura, existe a lei da fidelidade literal, onde o educando somente pode pronunciar as palavras que estão presentes no texto ou na frase. Entretanto, o autor destaca que no início da alfabetização, as crianças misturam o literal e a interpretação deles ao lerem os primeiros textos. Exemplo disso:

... o professor mostra uma frase como: "Maria comeu o bolo". A criança lê: "Era uma vez uma menina que fazia aniversário e queria comer um bolo. Ela se chamava Maria e o bolo estava muito gostoso". Um aluno que lê desse modo é um excelente leitor: sabe decifrar o que está escrito, sabe se apropriar da mensagem do texto e acrescentar o seu mundo mental ao que o texto representa para ele. (CAGLIARI, 1998, p. 317)

Ramos (1993) coloca que no momento da alfabetização as crianças começam a criar as suas próprias histórias, suas fantasias, o professor tem que instigar mais nessa fase, sempre fazer questionamentos. Já o leitor com um pouco mais de experiência se aprofunda na leitura, e mergulha nas páginas do livro, participando das ações, vivendo as emoções, se tornando um personagem da história.

Cagliari (1998) ainda salienta que o professor que rejeita a leitura desse aluno, está totalmente equivocado, achando que esse aluno simplesmente inventam coisas que não estão escritas e conseqüentemente acabam obrigando o aluno a tornar-se um leitor literal. (p. 317)

Para Antunes (2009) aponta que nessa fase é de suma importância o elogio por parte do professor, pois através deste a criança busca cada vez mais o aprimoramento, caso ao contrário, leva o aluno ao desinteresse. (p. 33)

Diante desses fatos o autor considera relevante que o professor trate de maneira cuidadosa a leitura desses educando, conversando que a leitura em voz alta tem que “seguir a lei da fidelidade ao literal do texto sem deixar de lado a própria reflexão que corre em paralelo à mensagem do autor no texto”. (CAGLIARI, 1998, p. 317).

É através da literatura infantil o professor tem a oportunidade de trabalhar vários temas para uma convivência digna na coletividade, como desigualdades sociais, discriminação, relações familiares. (RAMOS, 1993)

Antunes (2009) considera importante que o leitor em cada parágrafo ou capítulo faça associações com sua vida, é importante que se questione, pois isso contribui para o desenvolvimento da memória. O professor que questiona seu aluno a todo momento está contribuindo para a formação do leitor crítico, ou seja, leva o seus aluno a pensar, é claro que muitas vezes não é uma tarefa que se consiga do dia pra noite, e sim uma construção progressiva.

Cramer (2001) para motivar leitores, o professor tem que ter o compromisso de apoiar seus alunos, sendo tolerante, generoso e motivador, pois os alunos precisam se sentir seguros, não ter medo de errar. A autora ainda salienta a necessidade dos livros estarem ao nível que o aluno se encontra, o professor tem que estimular a leitura, torna-la uma atividade útil, preciosa, interessante e prazerosa. (p. 107)

Ramos (1993) coloca que o professor sempre tem que estar atento as sugestões de livros dadas pelos alunos, que seja condizente a sua faixa etária, que tenha uma linguagem apropriada a cada idade, pois leituras com uma linguagem distante, contribui para a rejeição.

Para Gregorin Filho (2009) coloca que para ajudar na formação do leitor, o professor tem que estar ligado aos textos, livros ligados a cada faixa etária da criança, ou seja, livros ligados a sua competência, pois se darmos a eles, textos muitos extensos, avançados na decifração dos códigos, pode-se levar ao desinteresse do educando. A literatura é um aliado do professor em sala de aula, pois a criança consegue ter mais voz ativa. (p. 52)

A autora Baldi (2010) ainda salienta que o professor é o principal mediador entre a leitura e a literatura, pois ele tem que estar atento e observar a todo o momento o aluno, para averiguar se conseguem se concentrar para ler, aqueles que ficam sempre na mesma leitura, portanto, é necessária essa análise para que o

educador auxilie esse aluno, estimulando-o, e mediando a troca de experiências entre os colegas, para que eles busquem histórias indicadas por outros.

Os professores precisam encorajar os pais a lerem diariamente para seus filhos, de todas as idades, e aplaudirem aqueles que o fazem. Se iniciada em uma idade precoce, a leitura e a discussão de livros no cotidiano da família promove atitudes positivas em relação à leitura e melhora o desempenho escolar. (CRAMER, 2001, p. 111)

O professor com a sua turma pode repassar a diante, para outras turmas como forma de incentivo para eles buscarem a leitura, através de exposições no mural da escola. Pode-se também realizar um festival de livros novos, em que cada turma estuda durante a semana sobre o livro escolhido e preparam apresentações conjuntas, onde trocam experiências e faz as apresentações uns para os outros. (Baldi, 2010)

Os professores devem criar dentro de cada sala de aula uma atmosfera positiva, uma forma de vida que conduza o aluno ao encontro da leitura através do afeto positivo. Os professores positivos são realísticos, mas sempre procuram o melhor em seus alunos. Esses profissionais são professores competentes, em constante luta para aprimorar suas habilidades. Eles percebem que o afeto positivo, justamente com um alto nível de capacidade de ensino, promove o máximo desempenho de seus alunos. (CRAMER, 2001)

O professor é o principal motivador para os alunos, ele demonstra o verdadeiro amor pelos livros e pela leitura, isso faz com que os alunos tomem-no como exemplo. A autora Cramer (2001) ainda contempla que este amor e o gosto pela leitura não ser somente contada com a contribuição da escola, diretor, secretário, os pais e alunos de outras salas.

2.6.2 O Papel da Escola, a Importância da Biblioteca.

Para Baldi (2010) a biblioteca de uma escola é de suma importância, um ambiente aconchegante, claro, limpo e organizado, com acervo atualizado, obtendo sempre a literatura de melhor qualidade, para proporcionar aos professores e alunos a viverem momentos especiais de leitura e valorizando o conhecimento em geral.

Abramovich (1997) salienta importante levar as crianças em bibliotecas, livrarias, pois instigam, contribuem e estimulam-a a criar a sua própria biblioteca em casa, ou seja, leva a guardar os seus livros de forma organizada em algum cantinho de casa. “O lugar e a extensão não têm importância. Importante é que a criança escolha os livros que quer ter e guardar.” (p. 152)

A autora Baldi (2010) ainda sustenta que a biblioteca tem que ser utilizada de forma sistematizada, sendo um local vivo na escola, um ambiente rico em estímulos, pois é essencial oportunizar a aproximação aos livros e textos literários, capaz de motivar suas descobertas em relação à leitura.

Assim como Baldi, Abramovich (1997) em seu livro literatura infantil: gostosuras e bobices comenta a importância do adulto aproximar a criança a uma biblioteca, livraria, para proporcionar a ela o mundo de encanto, imaginação e sedução, se a escola não tem esse ambiente, a autora afirma que deveriam se juntar, unir as forças e todos ajudarem na construção de uma, seja pra escola, seja para a sala de aula, pois é necessário dar a criança esse prazer e incentivo a leitura, a criatividade e imaginação.

É necessário ensinar os alunos como se portar dentro da biblioteca, pois a leitura necessita de silêncio, e os alunos tem que aprender a respeitar o outro que também está utilizando o mesmo ambiente e ter consciência dos cuidados necessários com os livros, cuidar para não amassar, não sujar, não rasgar e sempre ao sair deixar organizado o ambiente. (Baldi, 2010)

O acesso à biblioteca tem que ser sistematizado, dinâmico e planejado com coerência, para fazer o aluno desfrutar ao máximo a leitura que realizará, a professora tem como papel primordial estimular, desafiar e propor a ele novas alternativas como ampliar suas escolhas e experimentar outros livros, outros gêneros. (Baldi, 2010)

Outro aspecto levantado pela autora Baldi, em seu livro *Leitura nas séries iniciais*: uma proposta para formação de leitores, página 21, quando o espaço da biblioteca for utilizado, é necessário que o professor também realize suas leituras, para instigar e despertar nos educandos a curiosidade em buscar saber o que está lendo, seus gostos e tornar para eles um referencial como leitor, onde buscam trocar ideias sobre livros e leituras.

É de extrema necessidade, que os alunos frequentem de 20 a 30 minutos por dia a biblioteca da escola com sua professora, para que eles leiam livros de seu

gosto, da sua própria escolha, além de poderem emprestar para ler em casa. Além disso, Baldi ainda enfatiza que:

É muito importante que essa periodicidade seja mantida e sustentada e que os alunos tenham realmente oportunidades diárias de ler e interagir com seus livros favoritos, sem compromissos mais formais e eles vinculados. Se não priorizarmos esse trabalho, acreditando ser ele essencial para o desenvolvimento não só da leitura mas da inteligência de nossos alunos, facilmente outras atividades irão se sobrepor e comprometer o alcance dos objetivos propostos. (BALDI, 2009, p. 21)

Gregorin Filho (2009) relata que a biblioteca é um espaço glorioso dentro da escola, é necessário transmitir ao aluno que a biblioteca é um espaço seguro e divertido, e mostrá-los que é uma fonte de lazer.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Para realização desta pesquisa utilizou-se a técnica de pesquisa bibliográfica e técnica de entrevista. A pesquisa preconizou obter informação a respeito da percepção dos autores em relação à importância da literatura infantil e arte de contar histórias na formação de leitores.

A pesquisa bibliográfica, uma das técnicas utilizadas nesse estudo, é fundamental em qualquer pesquisa, pois abrange bibliografias já tornada pública em relação ao tema de estudo. Para Lokatos e Marconi (2001, p. 183) a pesquisa bibliográfica: “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A entrevista foi outra técnica metodológica utilizada. Lokatos e Marconi (2001, p. 195) define a entrevista como um “[...] encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.”

3.3 COLETA DOS DADOS

Os dados foram coletados através de questionários que foram entregues aos professores da rede Municipal de Ensino de Foz do Iguaçu.

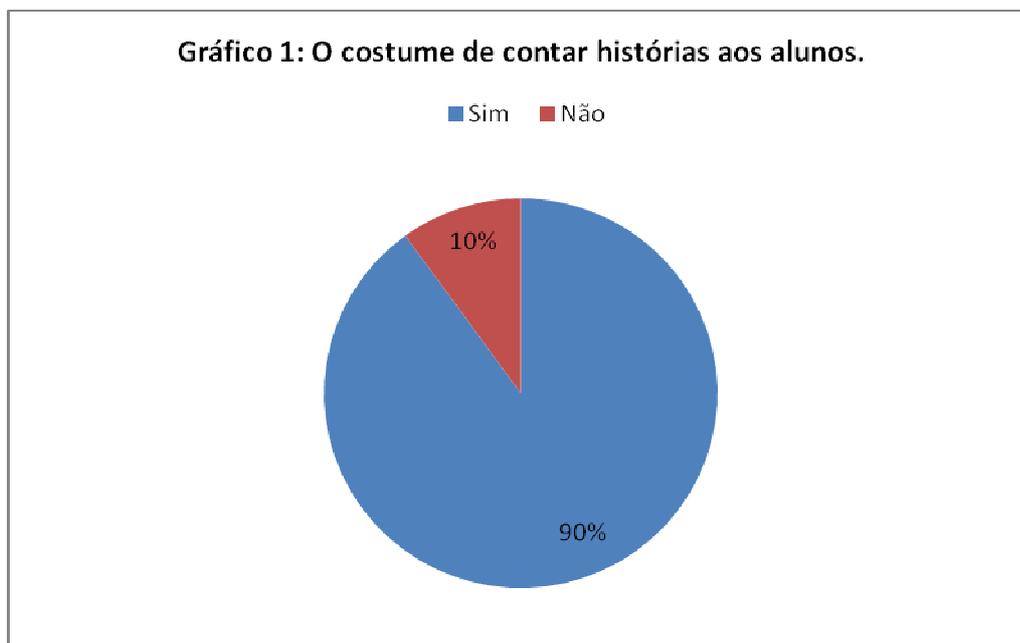
3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados com o intuito de proporcionar uma reflexão sobre o uso das histórias infantis e a arte de contar histórias para crianças como contribuição em desenvolver o hábito e o gosto pela leitura.

Portanto, após a coleta dos dados, fez-se uma análise das respostas dos professores, verificando se eles incentivam os alunos a ter o prazer pela leitura, pela história, ou seja, contribuindo para a formação do futuro leitor.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

1 – Você costuma contar histórias para seus alunos? Por quê?

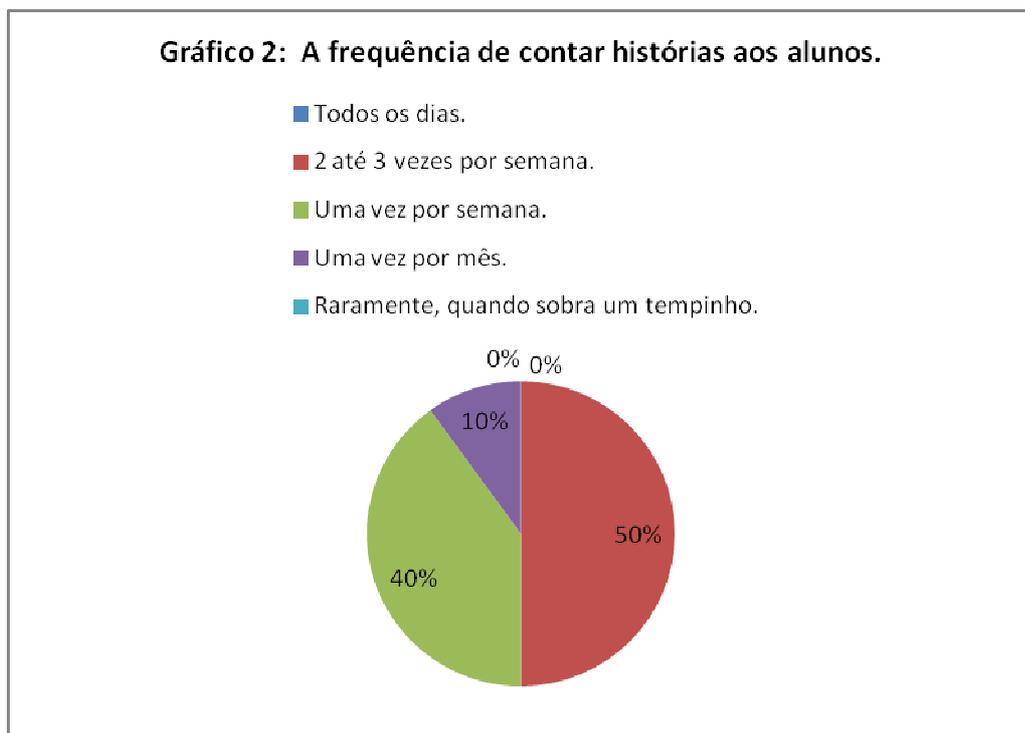


Noventa por cento dos professores entrevistados, afirmaram que contam histórias a seus alunos, muitos argumentaram ser importante contar histórias para a formação do leitor, pois acham necessário o contato com o mundo literário desde que entra na escola, ter contato com diferentes leituras, é necessário para incentivar a criatividade, a imaginação, para desenvolver o senso crítico, a fala, a escrita, o vocabulário, uns acharam importante para criar um mundo de fantasia, quatro professores acham importante para despertar a vontade de ler, estimula o gosto pela leitura, uma afirmou adorar ler, acha importante ler para os alunos, porque os pais não fazem isso, e a história é um momento mágico. Baldi (2010) salienta a importância de contar histórias para as crianças desde pequenas, pois futuramente ela irá à busca de livros novos.

A única entrevistada que disse não contar histórias a seus alunos, afirma que não tem tempo para isso, pois tem que pegar na mão dos alunos que estão na fase da alfabetização, isso gera tempo, pois as crianças ainda precisam aprender a grafia correta das letras, e assim, não tem tempo para contar histórias. Essa professora equivoca-se não dando oportunidades dessas crianças ouvirem histórias, pois a

história é fundamental na vida de qualquer ser humano, na construção da sua identidade, a literatura trás conteúdo humano, que faz com que a criança observe a existência de problemas iguais aos dela, e ajuda ela a lidar com esses problemas, a literatura só proporciona coisas boas na vida dos estudantes, pois além de aguçar a criatividade dos alunos, leva a criança a desenvolver um posicionamento crítico.

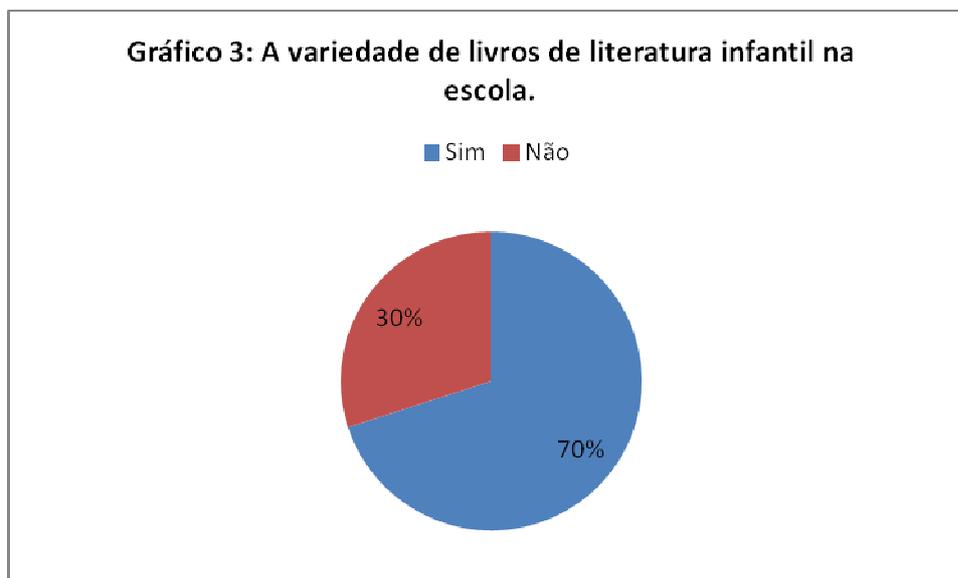
2 – Com que frequência você conta ou lê histórias para seus alunos?



Cinquenta por cento dos entrevistados responderam que contam histórias para seus alunos duas até três vezes por semana. Quarenta por cento respondeu que conta uma vez por semana e dez por cento respondeu que conta histórias para sua turma uma vez por mês. É necessário que essas crianças leiam todos os dias como argumenta a autora Baldi (2010), ouvir histórias todos os dias, ou ler frequentemente no mínimo 20 minutos por dia, contribuem na formação do leitor. É importante que os professores tenham ciência que ler para as crianças ou destinar um tempo para eles realizarem a leitura só contribui no seu crescimento pessoal. Ler ou escutar uma história leva os alunos a aprender cada vez mais, pois contribui na memória, no vocabulário, criatividade, senso crítico, além de se identificar com os

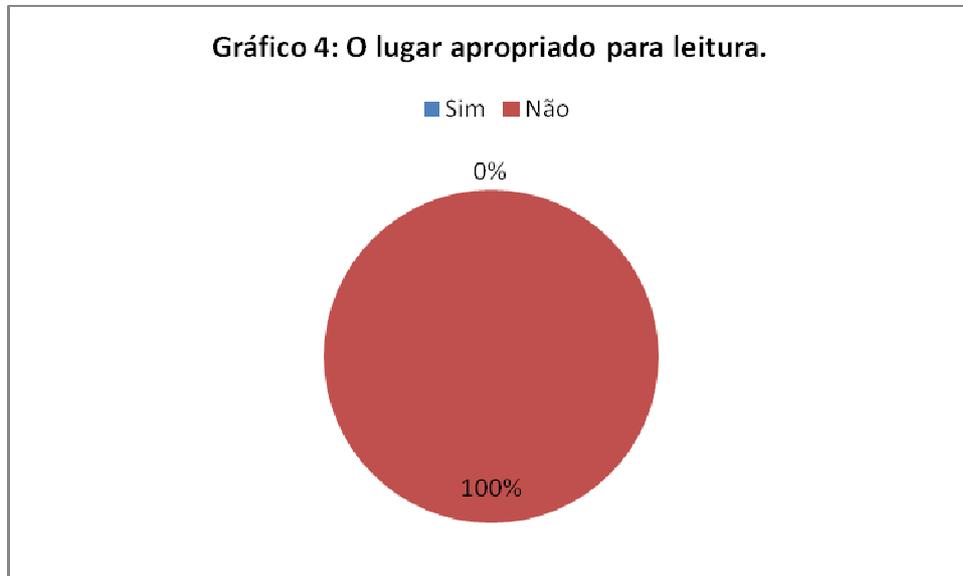
personagens da história, ajuda-o a lidar melhor com os problemas existentes, e até mesmo solucioná-los.

3 – Na sua escola há variedades de livros de literatura infantil para os alunos lerem?



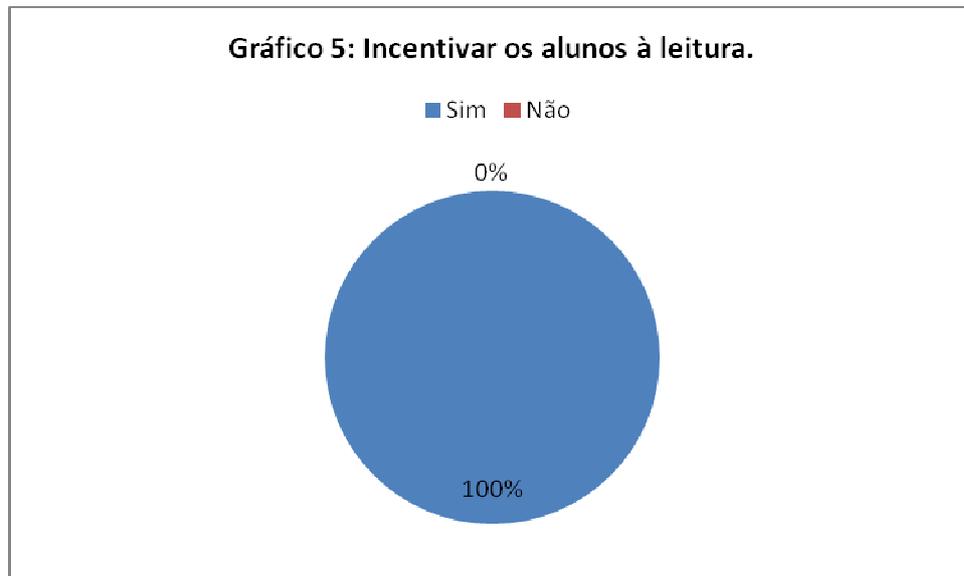
Setenta por cento dos entrevistados responderam que há sim diversidades de livros de literatura infantil na escola onde lecionam e três responderam que não. A autora Baldi (2010) sustenta que a escola tem que prezar pela qualidade, portanto é necessário que tenha um acervo diversificado, e sempre estar atento as diversidades que estão surgindo no mercado, e assim, sempre abastecer a biblioteca com boas novidades que surgem. É necessário agradar todos os gostos, e dar outras opções de leituras aos educandos, é importante ter diversidade, além é claro de livros novos, novas histórias para os alunos lerem e não se cansarem das mesmas.

4 – Há um lugar apropriado para os alunos lerem, como uma biblioteca equipada e com um profissional para auxiliá-los na escola?



Todos entrevistados alegaram não ter um lugar apropriado para leitura na escola que atuam. Aqui está uma falha encontrada nas escolas municipais de Foz do Iguaçu, pois os autores Abramovich (1997), Gregorin Filho (2009) e Baldi (2010) relatam que a biblioteca é um espaço glorioso, um local vivo dentro da escola, cheio de estímulos, é um lugar necessário, pois estimula a criança a se aproximar dos livros, conseqüentemente é um incentivo na sua formação como leitor assíduo e crítico. As escolas de Foz do Iguaçu não contam com esse espaço apropriado e glorioso para os alunos lerem, ou seja, um lugar propício para tal atividade. As escolas estão perdendo tempo, pois a leitura só contribui na formação do nosso aluno, os alunos poderiam estar emprestando livros para lerem em casa, assim, contribuindo na sua formação como cidadão crítico em nossa sociedade.

5 – Você incentiva os seus alunos a lerem? De que forma?



Todos afirmaram incentivar seus alunos a lerem. A forma mais utilizada pelos educadores é emprestar livros de literatura para seus alunos, alguns incentivam a leitura em sala depois do término das atividades, dando a eles livros dos gêneros que eles mais gostam, elogiam os alunos que contam histórias. Uma professora relatou que diz diariamente a seus alunos que, quem lê se comunica melhor e escreve melhor. Cagliari (1997) fomenta que a principal atividade que deve ser desenvolvida na escola é a leitura, o autor argumenta que é mais importante para a criança saber ler do que escrever. Antunes (2009) relata que é necessário o aluno incentivar seu aluno através do elogio, pois através do elogio a criança busca cada vez mais se aprimorar e Cramer (2001) argumenta que o professor é o principal motivador para os alunos, pois se o professor demonstrar seu verdadeiro amor pelos livros e pela leitura, isso faz com que os alunos tomem-no como exemplo.

6 – Você costuma destinar um momento para a leitura em sala de aula?



Todos os professores alegam destinar um momento para a leitura em sala de aula, a maioria disse que quando os alunos terminam as atividades, eles procuram destinar esse momento para eles lerem. Cagliari (1997) relata que é de extrema necessidade destinar um momento de leitura ou de contar histórias todos os dias, pois a leitura é a herança maior do que qualquer diploma. Baldi (2010) enfatiza a necessidade em dar oportunidade diária de leituras aos alunos, para que possam ler e interagir com seus livros favoritos, pois é uma atividade essencial para a inteligência de nossos alunos.

7 – Você já estudou ou pesquisou sobre a arte de contar histórias? Costuma usá-la em sala de aula? De que maneira?



A metade dos entrevistados disseram nunca ter estudado ou pesquisado sobre a arte de contar histórias. Já outra metade disse que já pesquisou, e que costumam usá-la em sala de aula. Relataram usar a arte com recursos tecnológicos, com entonação de voz, dramatizando, trabalhando com imagens, utilizando a mímica e também os recursos da sala de aula, como bater no armário, acender e apagar a luz. Para Abramovich (1997) contar histórias é uma arte, onde o contador utiliza somente a sua voz, e nela pode-se aprender novas palavras, entra em contato com a música, ritmo, o contador pode criar um clima atraente, charmoso e encantador, fazendo com que as crianças sintam emoções, dando oportunidade dela fantasiar a histórias, criar seus próprios dragões.

8 – Pra você o que é a arte de contar histórias?

Os entrevistados relataram que a arte de contar história é mágica, que auxilia o aluno no seu desenvolvimento pessoal e afetivo, desenvolvendo a leitura do mundo, despertando a leitura e literatura, é sair da realidade e entrar no mundo imaginário, da fantasia. A arte de contar histórias para Abramovich (1997) é o uso da voz do contador, são possibilidades e agilidades que a voz permite sussurrar quando for falar baixinho, gritar quando estiver acontecendo alguma confusão, é usar

humoradamente as onomatopeias, ruídos, os espantos, valorizar os momentos de conflitos.

9 – Em sua opinião, o quê se pode desenvolver nas crianças no momento em que estão em contato com os livros?

Pode-se desenvolver a criatividade, a imaginação, a formação social, pessoal e afetiva, a criticidade, a autonomia, a vontade de conhecer mais, o gosto pela leitura, o prazer pelo ato de ler, a habilidade de leitura, melhora o vocabulário, interpretação de textos, grafia correta das palavras, senso crítico, fala e conhecimentos gerais. Assim como os autores Saraiva (2001), Zilberman (2003) e Baldi (2010) que os alunos que leem e interagem com os livros, apresentam grande vantagem em relação aos que não fazem isso, além disso, o contato com os livros ajuda os alunos a se conhecer melhor.

10 – Você acha que a literatura e a arte de contar histórias despertam diferentes sensações, emoções nos alunos? Quais?

Todos concordaram que a literatura e a arte de contar histórias despertam sim diferentes sensações nos alunos, dentre elas o medo, a alegria, entusiasmo, surpresa, tristeza, prazer, emoção, percepção, além de aguçar a sensibilidade, melhorar a capacidade de ver e observar as coisas, pensar no que se escuta e pensar na transformação que ele pode fazer através da literatura, aonde você explica o mundo, problemas sociais, novas perspectivas sobre a realidade. Isso vem de encontro com os autores Abramovich (1997) e Allende (2005) que a literatura ativa a imaginação, a criatividade, aperfeiçoa as emoções e afetividade, a criança passa da tristeza a alegria, medo ao bem bem-estar.

11 – De que maneira podemos incentivar o gosto e o hábito da leitura em nossos educandos?

Em primeiro lugar o professor tem que gostar de ler para despertar o gosto pela leitura; é necessário propor situações diárias de leitura, ler para os alunos de maneira divertida que eles gostem; ter livros em sala de aula ao alcance dos alunos, e não desistir de oferecer livros a eles, mesmo que eles não gostem; além de usar estratégias diferentes para contar histórias. Para Baldi (2010) para desenvolver esse

hábito e gosto pela leitura é necessário fazer com que os alunos descubram os encantos da literatura, fazer com que eles conheçam melhor o mundo e a si mesmos, é necessário incitá-los.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o ato de ler é de suma importância no cotidiano de qualquer indivíduo, pois hoje com o desenvolvimento global torna-se algo essencial para a inserção do mesmo na sociedade. Então, a literatura infantil e a arte de contar histórias contribuem de forma prática e real para a formação de um leitor assíduo, crítico e criativo.

Entretanto, o incentivo à leitura deve estar respaldado num processo de cumplicidade entre família, escola e sociedade, para que as crianças percebam que a leitura estreita os laços entre as pessoas ampliando seus horizontes.

Assim sendo, fica nítido que a literatura contribui para ativar a imaginação, criatividade, vocabulário, estimulando as emoções e afetividade. E, ainda demonstra que ouvir histórias desperta variados sentimentos, proporciona sonhos inexplicáveis e leva o ouvinte a lugares longínquos e fantásticos.

Portanto, mediante a pesquisa realizada, constatou-se que o hábito da leitura deve nortear o trabalho pedagógico, independente da idade ou seriação, utilizando-se de estratégias diversificadas e condizentes com a realidade das crianças a serem trabalhadas. Uma delas é contar histórias e ouvir histórias, vislumbrando o encantamento que as mesmas causam. E a escola é o local propício para esse “despertar”, pois seu principal objetivo é preparar as crianças para a vida e a leitura é a ponte entre o sonho e a realidade.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 11. edição. São Paulo: Scipione, 2003.
- ALLIENDE, Felipe. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Felipe Allende e Mabel Condemarín; trad. Ernani Rosa. 8. Edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ANTUNES, Celso. **Metáforas para aprender a pensar**. 5. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ANTUNES CUNHA, Maria Antonieta. **Literatura infantil: Teoria e Prática**. 18. Edição. São Paulo: Ática, 1999.
- BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. 2^o edição. Porto Alegre: Editora Projeto, 2010.
- BERNARDI, Francisco. **As bases da literatura brasileira**. Porto Alegre: Age, 1999.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10^a edição. São Paulo: Scipione, 1997.
- _____. **Alfabetizando sem o bá- bé- bi- bó- bu**. 1^a edição. São Paulo: Scipione, 1998. – (Pensamento e Ação no Magistério)
- COELHO, Betty. **Contar histórias – Uma arte sem idade**. 10. Edição. São Paulo: Ática, 2000.
- CRAMER, Eugene H. **Incentivando o amor pela leitura**. Eugene H. Cramer e Marrietta Castle; trad. Maria Cristina Monteiro. 1. Edição. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- GOES, Lúcia Pimentel. **Introdução a literatura infantil e juvenil**. 2. Edição. São Paulo: Pioneira, 1991.
- _____. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18. edição. São Paulo: Ática, 1999.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- LOKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4^a edição. São Paulo: Atlas, 2001.
- RAMOS, Maria Cecília Mattoso. **Exploração da literatura infantil e juvenil em sala de aula**. 1. Edição. São Paulo: Moderna, 1993.
- SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano de ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. Edição. rev., atual., e ampl. São Paulo: Global, 2003.

APÉNDICE

Entrevista realizada com dez professores da rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu.

1 – Você costuma contar histórias para seus alunos? Por quê?

() Sim

() Não.

2 – Com que frequência?

() Todos os dias.

() 2 até 3 dias na semana.

() uma vez por semana.

() uma vez por mês.

() raramente, quando sobra um tempinho.

3 – Na sua escola há variedades de livros de literatura infantil para os alunos lerem?

() Sim.

() Não.

4 – Há um lugar apropriado para os alunos lerem, como uma biblioteca equipada e com um profissional para auxiliá-los na escola?

() Sim.

() Não.

5 – Você incentiva os seus alunos a lerem? De que forma?

6 – Você costuma destinar um momento para a leitura em sala de aula?

() Sim.

() Não.

7 – Você já estudou sobre a arte de contar histórias? Costuma usa-la em sala de aula? De que maneira?

8 – Pra você o que é a arte de contar histórias?

9 – Em sua opinião, o que se pode desenvolver nas crianças no momento em que estão em contato com os livros?

10 – Você acha que a literatura e a arte de contar histórias despertam diferentes sensações, sentimentos nos alunos? Quais?

11 – De que maneira podemos incentivar o gosto e o hábito da leitura em nossos educandos?
